

Registrando a memória— Histórias sobre este solo: narrativas negras em Rio Grande



Figura 1. Los Santos cabeleireiras desenvolvendo trabalho de auto estima e valorização da estética negra, trançando cabelos de crianças no evento do dia da Consciência Negra na Escola Altamir de Lacerda. 2019

1 - Bolsista do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas — NEABI FURG
<https://orcid.org/0000-0001-8026-3756>

2 - pauloc-ferreira@outlook.com
Universidade Federal do Rio Grande
<https://orcid.org/0000-0001-5943-0791>

O documentário “Histórias sobre este solo” foi realizado no ano de 2021, na cidade histórica de Rio Grande no extremo sul do Rio Grande do Sul, que conta com a presença dos povos negros desde sua colonização, em 1737 (TORRES, 2008), quando era conhecida como Vila de São Pedro do Rio Grande. As inspirações para o documentário antecedem a gravação, partem de lembranças de eventos sobre a memória negra riograndina como a Praça Negra UBUNTU[1]-, o dia da consciência negra na Escola Altamir de Lacerda[2] em 2019, onde pude aprender sobre as bonecas abayomis, com Maria da Graça Amaral, figura importante para o movimento negro local. As poesias de Gabriel Ortiz, poeta e rapper riograndino, Caroline e Carine Ortiz Fortes, poetas e intelectuais negras da cidade de Rio Grande, e as cabeleireiras do Los Santos, também inspiraram meus processos em suas ações poéticas, de autoestima no trançar dos cabelos pela cidade. Estas pessoas me apresentavam fissuras nas ideologias que inferiorizam as negritudes, ao trazer orgulho e visibilidade para a cultura afro-gaúcha

A cidade me encanta há anos, pelas expressões culturais, tradições e artes que evocam diversas memórias do passado de resistência dos negros gaúchos por seus direitos, culturas e costumes. Ao andar pelas ruas de Rio Grande, encontramos nomes e monumentos como o de Bento Gonçalves (1788–1847), colonizador da cidade, canhões e bustos de outros colonizadores, também se edificam, no espaço público, homenagens a outros personagens que representam a luta negra e fazem parte da memória coletiva (HALBWACHS, 1990) riograndina, como Marcílio Dias (1838–1865), marinheiro negro que lutou na Batalha de Riachuelo e a orixá Iemanjá, localizada na Praia do Cassino.

Nessa disputa de memórias, guiado pelas oralidades, tentei capturar registros da beleza, alegria e bem viver, imagens dissociadas das cargas estereotipadas que são frequentemente associadas à população negra no audiovisual. Entendo que a escrita pode ser um prolongador dos relatos do vívido, como a fotografia e o vídeo também, e que as formas de grafia de nossa cultura são múltiplas pelas danças, cânticos, manuscritos, registramos e recontamos a nossa história. As congadas, por exemplo, seguem suas tradições ancestrais, em uma escrita do corpo, das oralituras (MARTINS, 2003), que é o que me interessou registrar nesse trabalho. O encontro e partilha, por meio da escuta de vozes que ressoam, como a de Manoel Fortes, bisavô de Caroline Ortiz Fortes, que narrou sua travessia pelo atlântico e chegada em Rio Grande no período pós-abolição, vindo do arquipélago de Cabo Verde, uma memória ancestral registrada tanto no documentário, quanto no livro “Nossos Pretos Velhos: famílias Negras no extremo sul do Rio Grande do Sul”.

O desejo de documentar partiu da vontade de afirmar e difundir percepções do entorno que habito, como forma de ampliar possibilidades de compreensão e visões sobre o lugar e seu povo. Dessa maneira, coloca-se em prática a rasura de uma história única (ADICHE, 2019) e racista que invisibiliza e silencia corpos negros, e se abre espaço para

contra-narrativas sobre o território e o passado ocultado pelo eurocentrismo gaúcho.

O documentário explora o olhar como forma de contar histórias de caminhos negros[3] e pessoas riograndinas se fazem visíveis, por esse olhar que propõe um recorte da cidade e suas africanidades diaspóricas latentes, neste lugar de encontros e sociabilidades em que se aquilombam, em espaços de afeto que fortalecem a si e seus pares (BATISTA, 2019, p, 3).

Para bell hooks (2019), o olhar é um sentido que foi historicamente censurado para pessoas negras, devido ao racismo que o subalternizava e proibia, reduziram possibilidades de ver e produzir imagens de sujeitos negros como autores (HOOKS, 183–204, 2019). Neste sentido, a autora nos convida a observar o mundo e os olhares negros, para além das perspectivas desumanizadoras. Esse documentário é uma proposta de prática poética entre o audiovisual, a fotografia, o desejo de revitalizar as memórias ancestrais e valores civilizatórios como oralidade e o respeito aos mais velhos.

Tentei mostrar que fundamentos ancestrais como a transmissão oral são importantes e ricas fontes de conhecimento, apesar do olhar ocidental que julga as fontes orais como inferiores e ignoram e reduzem o valor e as complexidades das sociedades orais (EVARISTO, p.7, 2012) as narrativas transmitidas entre gerações, são importantes elos de conexão entre nós e nosso passado, nossos ancestrais e o resgate de nossa humanidade enquanto pessoas negras na diáspora.

1 - <https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=416947> Praça Negra

2 - <https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=37265> Escola Altamir de Lacerda

3 - <https://ave.furg.br/arte-e-decolonialidade/18-caminhos-negros> Projeto Caminhos Negros

Referências

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BATISTA, Paula Carolina. *O quilombismo em espaços urbanos — 130 anos após a*

abolição. Revista Extraprensa, São Paulo, 12, 397–416 set de 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153780>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Escrivências da Afro-brasilidade: História e Memória*. In: *Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº 23, novembro 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HOOKS, Bell; BORGES, Stephanie. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 350

MARTINS, Leda Maria. (2003). *Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória*. Letras, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

TORRES, Luis H. (2008). *A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra*. BIBLOS, 22(1), 101–117. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/859>



Figura 2. Maria da Graça Amaral, liderança importante para o movimento negro no município de Rio Grande. 2019



Figura 3. Pescador no Porto Velho de Rio Grande, por onde desembarcavam africanos para serem escravizados durante o período colonial. Atualmente ocorrem manifestações religiosas aos arredores do Porto. 2021



Figura 4. Estátua de Iemanjá (1971) pelo escultor Erico Gobbi (1925–2009). 2021



Figura 5. Caroline Ortiz Fortes em sua casa, no Bairro Getúlio Vargas, durante a visita e gravações do documentário. 2021



Figura 6. Caroline Ortiz Fortes em sua casa, no Bairro Getúlio Vargas, durante a visita e gravações do documentário. 2021



Figura 7. Caroline Fortes lendo a história de seu bisavô, registrada no livro *Nossos Pretos Velhos: famílias Negras no extremo sul do Rio Grande do Sul*. 2021



Figura 8. Tatuagem do continente africano nos pés de Caroline Fortes. 2021

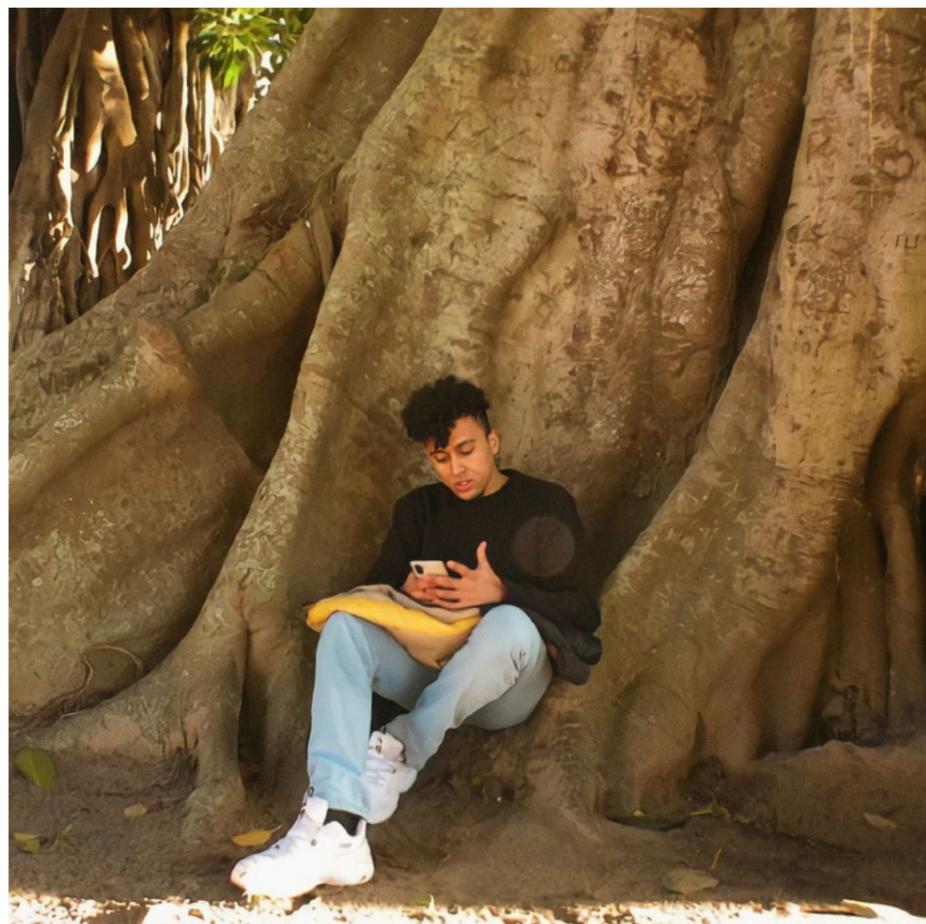


Figura 9. Gabriel de Quadro Ortiz, rapper e poeta riograndino na Praça Xavier Ferreira, no centro histórico da cidade de Rio Grande, durante o encontro para gravação do documentário. 2021

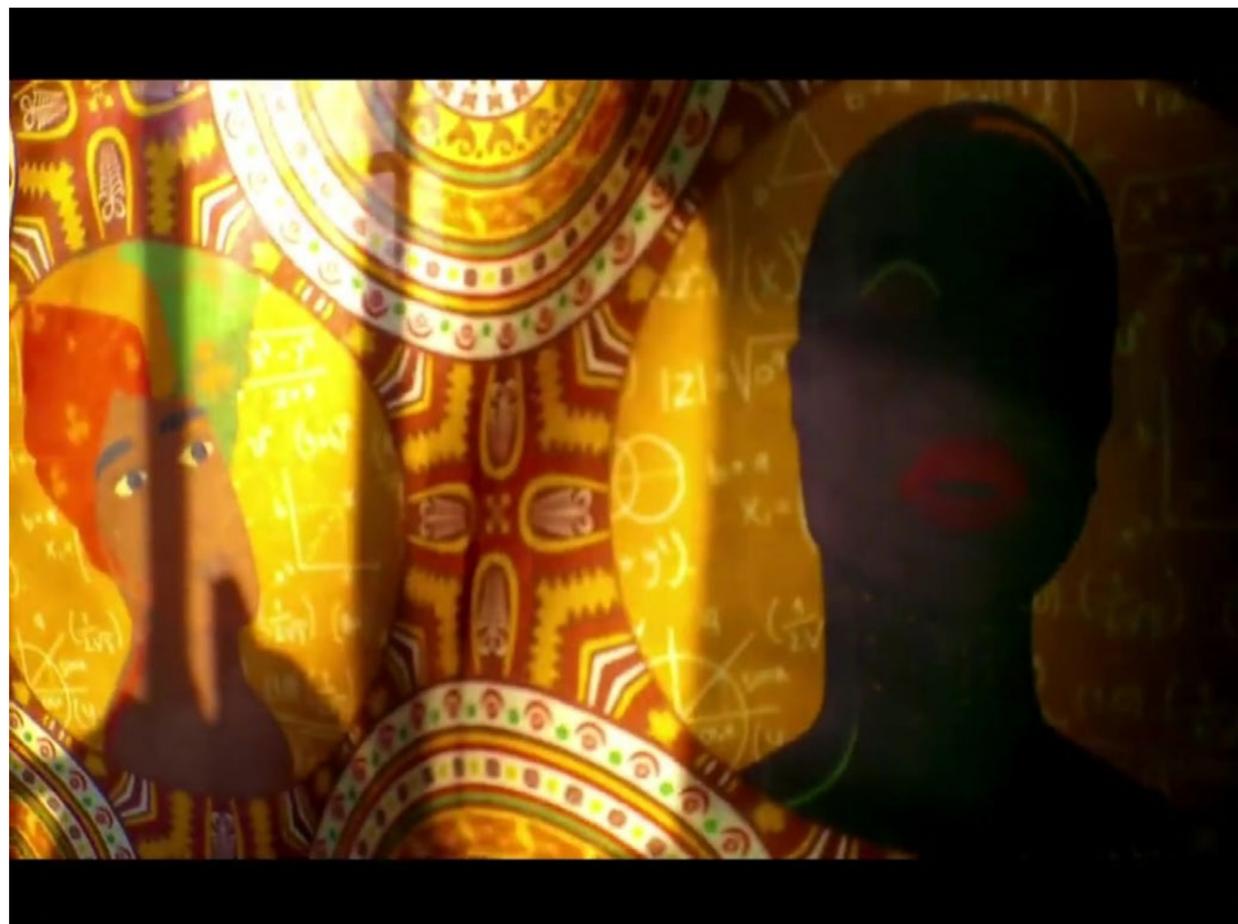


Figura 10. Frame do documentário, tecido do COPENE — Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros na casa da família Fortes. 2021

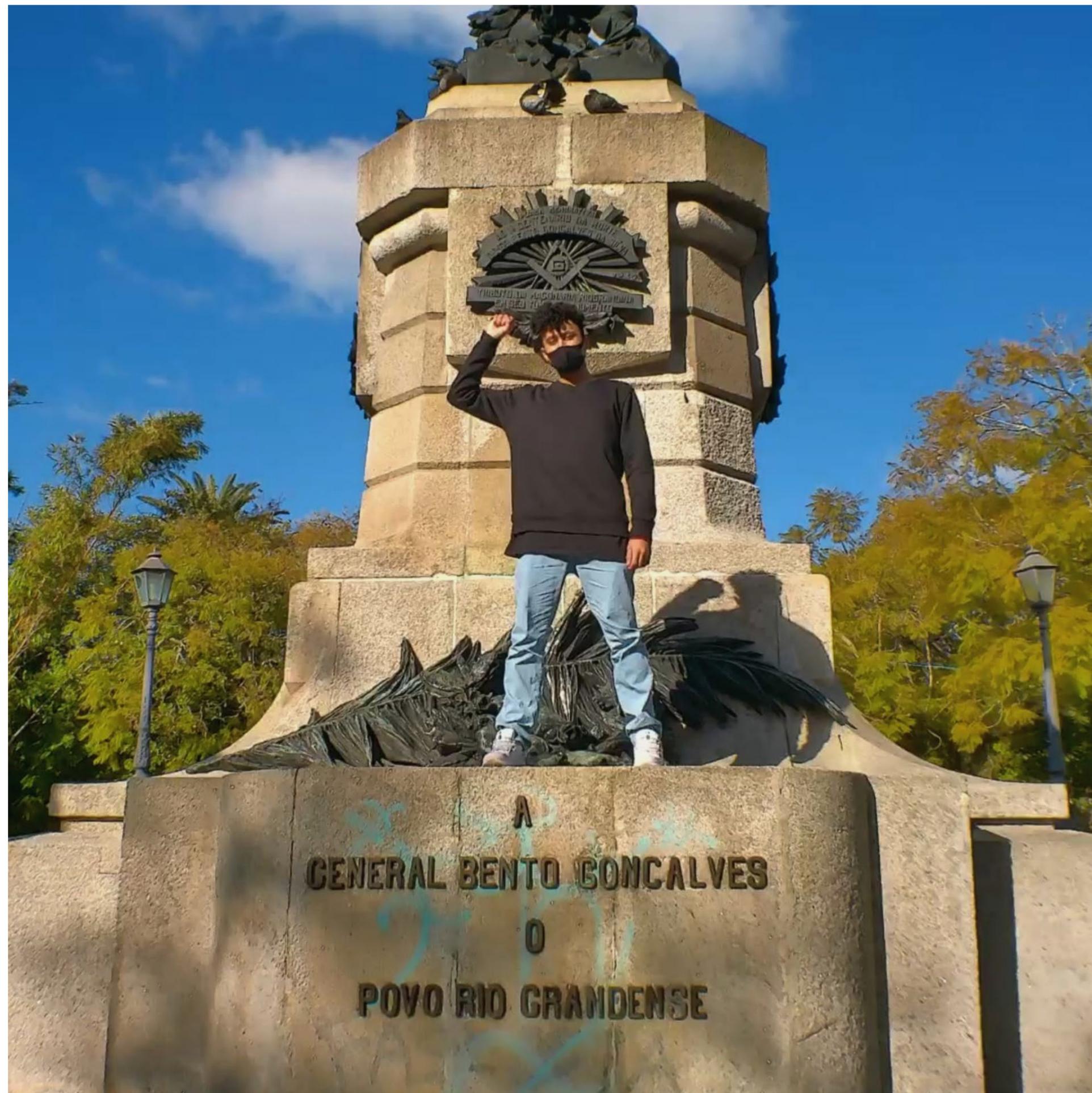


Figura 11. Gabriel Ortiz em cima do monumento em memória de Bento Gonçalves, onde estão enterrados os restos mortais do colonizador português. Uma proposta de crítica e releitura do passado colonial na cidade de Rio Grande. 2021.